

# Uma Aventura Interventiva no Bar do Lulu **6**

---

Raquel Belza Ferreira<sup>1</sup>  
Mônica Bara Maia<sup>2</sup>

*“Se trago as mãos distantes do peito é que há distância entre intenção e gesto.”*

Rui Guerra e Chico Buarque (Calabar) (1)

O relato que se segue diz respeito a um trabalho de prevenção em AIDS, desenvolvido entre novembro de 93 e abril de 94 em um bar de Belo Horizonte.

## **A IDÉIA**

A partir da experiência acumulada pelos profissionais de saúde e educação na convivência com o HIV e a AIDS, tanto no que diz respeito aos conhecimentos técnicos/científicos quanto às estratégias de prevenção, descobriu-se que a melhor defesa contra a doença não é a informação. Ainda que as pessoas estejam sendo capazes de estabelecer uma relação mínima entre sexo-AIDS-preservativo, elas não se protegem da infecção (2).

---

1. Psicóloga e voluntária do GAPA/MG.

2. Bióloga e educadora sexual do Instituto Cavalcanti.

Recebido em 14.09.94

Aprovado em 21.09.94

Para que a informação seja introjetada e transformada em mudança de comportamento, é preciso ter como subsídio a vivência particular, de tal forma que significados e significantes sejam reinscritos na história individual. Assim, a prevenção em AIDS torna-se o cuidado com a própria existência.

Mais do que a informação técnica e científica, há que se desvelar e reavaliar mitos, tabus, fantasias, medos, desejos, dúvidas, que possibilitam a compreensão e o conhecimento de si mesmo à medida que o indivíduo se torna sujeito de suas escolhas (3).

Partindo dessas percepções, nos propusemos a desenvolver uma forma alternativa de fazer prevenção em AIDS, na qual pudéssemos trabalhar as informações técnicas junto com o significado individual destas.

## O DESAFIO

As primeiras campanhas governamentais e manifestações públicas de cunho preventivo traziam slogans como: “Eu tenho câncer, eu tive cura. (...) Eu tenho AIDS, eu não tenho cura”, “Cuidado que a AIDS vai te pegar”, “CuidAIDS com as amizAIDS”, “AIDS, tô fora”. A busca inicial do controle da doença reforçava o medo, o desconhecimento e, conseqüentemente, o preconceito.

Outras campanhas tentaram um controle moral da doença através de um discurso no qual a homossexualidade, uso de drogas injetáveis, vários parceiros sexuais, entre outros, deveriam ser excluídos do comportamento humano, além de evitar a AIDS como realidade de todos nós.

As últimas campanhas já demonstram uma tendência de mudança, trazendo slogans como “com a camisinha, você não tem nada a perder, nem o prazer” e “proteja-se do vírus, não das pessoas”, refletindo as novas estratégias de prevenção em AIDS. Além disso, este trabalho de prevenção vem sendo realizado através de “projetos de aproximação”. Não só a escola, clínica ou local de trabalho são depositárias das informações corretas, mas o repasse também ocorre através de outras formas que procuram conhecer às necessidades e as prioridades de cada comunidade (4).

Essa nova visão vem de encontro à realidade de que o saber entra não somente pelo intelecto racional, mas também pelos sentidos e emoções (5). Assim, a proposta foi incluir o lúdico como ferramenta do nosso trabalho. Escolhemos então a apresentação artística no estilo cômico. No teatro atores e a platéia encontram-se envolvidos em oportunidades e riscos onde cada qual precisa achar o seu lugar. É uma representação simbólica da vida real, onde as regras não são capazes de abafar a espontaneidade e as reações pessoais. Através da arte o indivíduo dá-se ao objeto com o qual se depara, investindo nele sua própria libido (6), expressando assim suas

relações com o seu mundo interior e com as pessoas e acontecimentos do mundo exterior. O cômico provocador do riso, distrai, relaxa, liberta e anula o medo, facilita reparar melhor e “*nos faz dizer: eis, as coisas estavam justamente assim, e eu não sabia*” (7).

## O ESPAÇO

Procuramos um espaço fora do ambiente acadêmico - palestras, seminários e aulas - e que fosse mais ligado ao cotidiano. Um espaço no qual o lazer está relacionado com o encontro entre pessoas e a possibilidade de vivência do sexo. Por exemplo, um bar!

*O Bar do Lulu*, que já existe há doze anos em Belo Horizonte, apresenta uma ideologia de vanguarda, com uma proposta de entretenimento artístico através de esquetes e *performances* diárias, que possibilitam o criar, o pensar e o bem viver. A presença da arte no *Bar do Lulu* denota o seu comprometimento com a comunidade e com as questões sociais.

Os esquetes artísticos e as *performances*, que fazem parte da rotina do bar, se colocam como uma arma com grande potencial de alcance para abordar os conceitos e as informações em AIDS. Através da parceria GAPA (Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS do Estado de Minas Gerais) e Bar do Lulu foi possível atuar dentro das novas estratégias de prevenção, que exaltam a importância do uso da linguagem da comunidade no trabalho de divulgação e prevenção efetiva em AIDS.

A utilização de esquetes artísticos para a discussão da doença, e os sentimentos e significados que ela emerge, é uma forma de resgatar a narração como um meio de comunicação que possibilita o intercâmbio de experiências - o saber da população e o saber dos profissionais -, a história gravada, assimiladas recontada, a liberdade individual para interpretar o episódio, além da dimensão utilitária, possibilitam um repasse efetivo de informação (8).

## A PROPOSTA

A nossa pretensão se manifestou através dos seguintes objetivos:

1. Instaurar a discussão sobre a AIDS entre os frequentadores de um bar;
2. Medir a efetividade das *performances* teatrais como forma de sensibilização, informação, internalização e instrumentalização em AIDS;

3. Avaliar crenças, práticas e atitudes dos freqüentadores do bar em relação à AIDS;
4. Sensibilizar a comunidade de freqüentadores do bar em relação à AIDS e suas implicações psicossociais;
5. Favorecer a mudança de práticas e atitudes, através da formação de um conceito próprio e contextualizado da doença, desmistificando e evitando fantasias pré-concebidas;
6. Formar a comunidade do bar - proprietários, artistas, empregados e freqüentadores - em agentes facilitadores de discussão dessas informações, que atingiram a comunidade de forma abrangente e direta.

A forma esquematizada de trabalho foi assim dividida:

- 1º MOMENTO: discutir com os atores que representam os esquetes e as performances, os pontos polêmicos, conceitos e informações em AIDS.
- 2º MOMENTO: elaboração escrita dos textos para a montagem dos esquetes/performances.
- 3º MOMENTO: montagem dos esquetes/performances semanais.
- 4º MOMENTO: acompanhamento e avaliação técnica dos esquetes/performances, no que diz respeito aos conceitos e informações em AIDS.
- 5º MOMENTO: levar as peças ao público freqüentador do bar.
- 6º MOMENTO: avaliar, através de questionários, as práticas e atitudes dos freqüentadores do bar sobre AIDS e o impacto dos esquetes.

## **SOBRE OS ESQUETES**

Saímos do teórico e partimos para a prática. Descobrimos que uma não é, de forma alguma, subserviente à outra. A prática se rebela e nos mostra outras facetas.

Fomos em busca dos atores. Alguns elaboraram o esquete inteiro (texto, produção, direção e apresentação), enquanto outros manifestaram interesse em apresentar um texto já escrito. Entretanto, a maioria não se dispôs ao trabalho por uma série de motivos, sendo o mais explicitado o de que AIDS é um assunto sério demais para com ele se brincar. Essa dificuldade apareceu em outras situações, como em um esquete proposto que tinha um desenrolar cômico e um final sério, estrutura que ia, inclusive, contra noções teatrais, pois uma comédia evolui em um riso crescente ao

ápice do cômico em seu final. Acreditamos que essa postura explicita uma dificuldade, não só dos atores mas de uma grande parte das pessoas, de superar a “tragédia”, de sair da vitimice e assumir o prazer.

Buscamos parcerias com autores para a elaboração de textos que os atores pudessem representar. Novamente nos deparamos com a dificuldade de agregar profissionais. Fizemos contato com cinco autores, conversamos com dois, e apenas um produziu textos.

Durante o tempo de trabalho, foram produzidos cinco esquetes e apresentados três: “No gol ou no fusquinha, só com camisinha” (cinco apresentações); “Papai Noel prevenido” (duas apresentações) e “Encontro carnavalesco” (uma apresentação).

Ao final de cada apresentação, distribuíamos um questionário, com uma camisinha dentro, para os freqüentadores do bar. O questionário permitia o nosso contato direto com o público e vice-versa, além de traçar o perfil sócio-cultural e permitir um retorno de como eles recebiam os esquetes e qual o reflexo (se é que ele existia) em suas vidas. Esse contato também era importante para a divulgação do GAFA enquanto a instituição de apoio e auxílio para quem desejasse buscar mais informações, procurar apoio médico ou psicológico, individual ou familiar. Tínhamos uma grande preocupação em fornecer uma estrutura capaz de receber a demanda que poderíamos estar criando.

## **O NOSSO APRENDIZADO**

Ainda bem que a prática sé rebelde e nos mostra a realidade além do estereótipo e, apesar de todo o nosso cuidado, cometemos um erro básico: acreditávamos que a educação tem uma hora pré-determinada para começar e outra para terminar, e restringimos esse momento à apresentação dos esquetes ao público. Mas o aprendizado não acontecia no palco. O trabalho começava nos encontros com artistas e escritores através de infundadas reuniões, na discussão e elaboração dos textos e na reconstrução do conceito de AIDS e todos os sentimentos correlacionados a ele.

A AIDS se mostra tão desmedida que estimula os desejos e os projetos grandiosos. Entretanto, correr atrás, do “prejuízo” por ela instalado é uma cilada. Há que segurar a ansiedade e a onipotência que nos invade, construindo um caminho inverso ao que ela percorre. O trabalho deve ser singular, através da descoberta de conceitos e emoções que possibilitam um saber de si que é maior e anterior ao saber da AIDS.

A AIDS traz consigo o ganho da possibilidade de crescimento ao impor uma situação limite na qual não existem meios termos. Assuntos protelados como sexualidade, autonomia, medo, desejo, prazer e cidadania- em épocas menos perigosas, tornam-se o alvo essencial de nossa busca.

O processo educativo alternativo deve ser participativo, sistematizado e constante, voltado para a construção de um saber que é, antes de tudo, pessoal.

E foi assim que descobrimos que a grande aventura está na disponibilidade de ensinar e, com isso, aprender que as coisas ainda estão por vir.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BUARQUE, C. & GUERRA, R. *Calabar: o elogio da traição*. 18ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1994, p.17.
2. DOMINGUES, R. C. *Prevenção de AIDS através da educação comunitária*. Texto Datilografado.
3. MAIA, M. B. GUIMARÃES, R. A.; LOPES, G. P A (in)formação sexual do adolescente: uma nova proposta. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, vol. 4(1):31-36, 1993.
4. AHRTAG. *Ação Anti AIDS*. Número 21, agosto-outubro 1993.
5. FREI BETO. *Fome de pão e de beleza: base da pedagogia*. In: GROSSI, E. P. & BORDIN, J. *Paixão de Aprender*. 4ª ed., Petrópolis, Vozes, 1993, p. 16.
6. CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. 5ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1991, p. 518.
7. ECO, H. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983, p. 530.
8. BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 6ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1993, p. 197-221.